



NEM TANTO AO MAR, NEM TANTO À TERRA: OS ESCOLHOS DOSSEANOS DENTRE OS QUAIS SE ARRISCAM AS BOAS BIOGRAFIAS

NON TANTO AL MARE, NON TANTO ALLA TERRA: GLI SCOGLI DOSSEANI TRA CUI SI ARRISCHIANO LE BUONE BIOGRAFIE

ADRIANA TULLIO BAGGIO¹

Centro de Pesquisas Sociossemióticas (PUC-SP)

RESUMO

No primeiro capítulo de *O desafio biográfico*, François Dosse apresenta uma multiplicidade de dicotomias que caracterizam o hibridismo da biografia, pares que o autor alegoriza como "escolhos" dentre os quais os bons exemplares do gênero devem navegar. Este artigo elenca e categoriza essas dicotomias e propõe, a partir delas, um modelo mais geral que possa ser operado em situações nas quais se deseje classificar biografias ou analisar suas trajetórias a partir dos escolhos que as delimitam. A proposição do modelo se baseia no conceito semiótico da diferença como constituidora do sentido, e a semiótica também contribui para a discussão a partir de algumas de suas leituras a respeito do discurso histórico. Aventa-se, por fim, que o modelo possa ter uma utilidade particular para análises de biografias da idade heroica, especialmente as medievais, diante do desafio de constitui-las como fonte ou objeto históricos legítimos.

PALAVRAS-CHAVE: PESQUISA BIOGRÁFICA. AXIOLOGIA. HISTÓRIA E ESTÓRIA.

ABSTRACT

Nel primo capitolo di *Le pari biographique*, François Dosse presenta una molteplicità di dicotomie che caratterizzano l'ibridismo della biografia, dicotomie che l'autore allegorizza come "scogli" tra cui navigano i buoni esemplari del genere. Il presente articolo elenca e categorizza queste dicotomie e propone, a partire da esse, un modello più generale che possa essere utilizzato nelle situazioni in cui si desideri classificare le biografie o analizzare il loro svolgimento a partire dagli "scogli" che le delimitano. Il modello proposto si basa sul concetto semiotico della differenza come costituente del senso, tanto che la stessa semiotica partecipa a questa discussione con alcune delle sue letture sul discorso storico. Viene suggerito, infine, che il modello possa avere un'utilità particolare per l'analisi delle biografie dell'età eroica, specialmente quelle medievali, nell'affrontare la sfida di costituirle come fonti o oggetti storici legittimi.

PAROLE-CHIAVE: RICERCA BIOGRAFICA. ASSIOLOGIA. HISTORYE STORY.

¹ Doutora em comunicação e semiótica; pesquisadora em italianística; integrante do Centro de Pesquisas Sociossemióticas (PUC-SP).

INTRODUÇÃO

A proposta que se apresenta neste trabalho deriva de questões relacionadas ao estudo do *De mulieribus claris*, coletânea de biografias de mulheres escrita por Giovanni Boccaccio por volta de 1360. Tais questões dependem de se considerar a biografia como fonte ou documento válido a respeito de certos aspectos históricos da vida e do trabalho de mulheres do tardo-medieval florentino e itálico. Diante dessa demanda, sentiu-se necessidade de pausar o estudo da obra, afastar momentaneamente o objeto de pesquisa e se debruçar sobre o gênero em que foi enunciado, buscando compreender melhor sua forma e suas implicações na história.

Sabe-se que, apesar de o Boccaccio biógrafo ser considerado um dos precursores da historiografia moderna², as biografias de sua época pertencem ao que François Dosse³ classifica em *O desafio biográfico* como idade heroica (da Antiguidade até a época moderna), cujo estilo dista ainda das preocupações mais científicas que se verificará nas produções da idade modal (século XX) e da idade hermenêutica (produções contemporâneas e inovadoras). A biografia heroica seria um tipo que "[...] passou sem dúvida para o plano epistemológico, mas nem por isso foi superado. Seus aspectos mais notórios, de fato, convivem hoje com *modos mais inventivos, mais atentos à renovação promovida pelas ciências humanas, de escrever uma vida*"⁴.

Quando o autor fala em modos mais inventivos e atentos à renovação promovida pelas ciências humanas, está fazendo referência à reabilitação da biografia pela história, cujo ponto de virada estaria em meados dos anos 1980. O gênero passa a ser sancionado positivamente pelo campo da disciplina — pelas instituições, pelos autores, pelo mercado editorial acadêmico — tanto para a escrita da história (o relato de uma pesquisa) quanto para seu documento (a fonte de uma pesquisa). Mas quais seriam esses modos, capazes de reabilitar a biografia?

Segundo a visão de Dosse, eles consistem em assumir o hibridismo característico do gênero, desde que com o cuidado de se navegar *entre* os escolhos que o delimitam, sem deles se aproximar demasiadamente, sob o risco de naufrágio do projeto (ao menos em seu estatuto histórico): "O

² Para Cássio da Silva Fernandes, as obras biográficas de Boccaccio integram o conjunto de narrativas que, na Florença do século XIV, teriam atuado nas origens da historiografia moderna. FERNANDES, Cássio da Silva. Biografia, autobiografia e crônica na Florença do século XIV: as origens da historiografia moderna. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, v. 2, n. 3, p. 23-33, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.15848/hh.v0i3.67>. Acesso em: 22 abr. 2021.

³ DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

⁴ *Ibid.*, p. 7, grifos nossos.

biógrafo tem, portanto, de manter-se no justo meio-termo, evitando um ou outro escolho que levariam longe demais quer o uso da imaginação, quer o cuidado da erudição factual"⁵.

Fato e imaginação parecem ser, portanto, os escolhos dentre os quais navega a boa biografia (histórica). Ela não deve nem se prender muito à erudição factual, e nem se deixar levar exageradamente pela imaginação. São balizas claras e aparentemente adequadas para serem operadas em análises de relatos de vida. No entanto, elas não são as únicas propostas pelo autor no capítulo da obra dedicado à defesa do gênero ("A biografia, gênero impuro").

Esse capítulo ilustra, a partir da menção a uma grande quantidade de exemplos, o novo estatuto do gênero entre os historiadores eruditos, depois de ser por tanto tempo considerado como "apanágio de plumitivos"⁶. Em vez de problemáticos, Dosse vê o hibridismo e a impureza como tensão privilegiada, até porque não seriam exclusividade da biografia: essa tensão é encontrada também "[...] no historiador empenhado em fazer história, mas é guindada ao paroxismo no gênero biográfico, que depende ao mesmo tempo da dimensão histórica e da dimensão ficcional"⁷. Nota-se aqui — citação que integra o primeiro parágrafo do capítulo — mais um par de escolhos: história e ficção.

Dicotomias como essas duas já citadas se espraiarão por toda a seção, estruturadas em categorias associadas principalmente ao aspecto que esteja sendo levado em conta pelo autor em cada subseção: a relação com a literatura e com a crítica literária, as empreitadas de historiadores, políticos e jornalistas, os tabus do campo da história. Ao final de tantos exemplos, a leitora e o leitor acumulam um respeitável repertório de dicotomias, mas não há uma sistematização que resulte em um modelo analítico produtivo, em um modelo suficientemente geral para acolher a variação de escolhos. Construir tal modelo é, portanto, o objetivo deste artigo.

Para levar a cabo a tarefa, faz-se um levantamento dos pares dicotômicos (do primeiro capítulo) que dizem respeito à biografia, à atitude do biógrafo ou ao fazer biográfico. Tais pares são tanto elaborações do próprio autor como citações diretas e indiretas de biografias e bibliografias sobre o tema. Depois de elencados, os pares são distribuídos em um quadro (que pode ser consultado em apêndice ao artigo) e seus termos são "homogeneizados", na medida do semanticamente verossímil, em classes mais amplas. Por fim, propõe-se um modelo que se pretende geral o suficiente para 1) contemplar a diversidade de dicotomias apresentadas pelo autor e para 2) ser operado em análises de

⁵ *Ibid.*, p. 63.

⁶ *Ibid.*, p. 104.

⁷ *Ibid.*, p. 55. E ainda: "Hoje já se compreende bem que a história é um fazer levado a cabo pelo próprio historiador e, portanto, até certo ponto dependente da ficção. Diga-se o mesmo do biógrafo, o qual ficcionaliza seu objeto e torna-o, por isso mesmo, inalcançável, apesar do efeito do vivido que com isso obtém". *Ibid.*, p. 71.

outros textos biográficos — análises que busquem avaliar os escolhos que delimitam o "bom caminho" (segundo os critérios de Dosse) que deve seguir a biografia.

Esse procedimento metodológico orienta-se pelo entendimento de que a significação se constrói pela diferença — princípio que, para a semiótica discursiva, rege os efeitos de sentido⁸. De resto, considerar a biografia como sobredeterminação da articulação de dois termos opostos de uma mesma categoria semântica, como faz Dosse, é uma operação alinhada às da semiótica.

Na medida, portanto, em que este estudo propõe o método semiótico para apreensão dos sentidos históricos atribuídos ao gênero biográfico, antes de proceder à análise das dicotomias vale uma incursão a certos momentos em que a semiótica tratou da história.

DISCURSOS DA SEMIÓTICA A RESPEITO DOS DISCURSOS DA HISTÓRIA

No início dos anos 1990, Dosse⁹ publicava os dois volumes de sua história de ascensão e queda do estruturalismo. Uma das protagonistas de sua narrativa é a semiótica discursiva, erigida sobre princípios da linguística, da antropologia e da fenomenologia. Algirdas Julien Greimas (1917-1992), fundador da disciplina, é um dos entrevistados no livro.

Para Dosse, em meados dos anos 1970 as disciplinas estruturalistas, em decadência de prestígio, teriam abandonado a ambição de projeto universalista e pluridisciplinar, retornando cada uma ao seu "pequeno terreno original"¹⁰. O que teria subsistido a partir disso seriam as conquistas essenciais, muito mais modestas, assimiladas no desenvolvimento das ciências sociais. A semiótica discursiva, por exemplo, teria recuado até constituir-se em apenas "[...] um ramo da atividade linguística que se recolheu às margens da semiótica do discurso religioso"¹¹.

Curiosamente, no mesmo período em que, segundo Dosse, a semiótica estaria se ocupando tão somente da exegese de textos religiosos, Greimas e seu grupo desenvolviam e ampliavam o projeto de uma semiótica ancilar, testando e propondo a operação da teoria e do método na análise de

⁸ Sobre os fundamentos desse entendimento e sobre a representação visual do modelo que será apresentado mais à frente, ver, por exemplo, GREIMAS, Algirdas Julien; RASTIER, François. Les jeux des contraintes sémiotiques. In: GREIMAS, Algirdas Julien. *Du sens: essais sémiotiques*. Paris: Éditions du Seuil, 1970.

⁹ DOSSE, François. *História do estruturalismo*, v. 1: o campo do signo, 1945-1966. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora da Unicamp, 1993; DOSSE, François. *História do estruturalismo*, v. 2: o canto do cisne, de 1967 aos nossos dias. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

¹⁰ DOSSE, F., *op. cit.*, 1994, p. 435.

¹¹ *Ibid.*, p. 457.

discursos mais complexos e abstratos, como os discursos cognitivos. São dessa época os estudos *Semiótica e ciências sociais*¹², de 1976, e *Análise do discurso em ciências sociais*¹³, de 1979.

Em *Semiótica e ciências sociais*, Greimas propõe categorias para se identificar as regularidades do discurso científico em geral e também de algumas de suas realizações particulares, como a comunicação social, a sociolinguística, o discurso jurídico, a literatura técnica e a história. Em *Análise do discurso em ciências sociais*, de caráter mais empírico, os organizadores convidam outros semioticistas a operarem o modelo semiótico na análise de amostras de discursos da antropologia, da sociologia, da filosofia, da semiologia e da história.

Nessa segunda obra, o objetivo é a explicitação das formas discursivas e de sua tipologia, sem que isso se confunda com qualquer regulação dos discursos, até porque a análise parte de um *corpus* já existente, ou seja, de textos produzidos no âmbito de cada disciplina e legitimado segundo seus próprios critérios. A intenção é mais "[...] o reconhecimento das formas discursivas que organizam os textos de caráter científico [e que] deveria reconduzir a uma teoria semiótica do discurso científico, que se situaria num plano diferente do da epistemologia, em sentidos estrito"¹⁴.

Os organizadores convidaram autores a selecionarem um texto-objeto da disciplina a eles atribuída, e que fosse representativo no contexto da França do século XX. As análises resultantes foram depois agrupadas em três partes do livro, de acordo com a atitude do cientista de cada disciplina em matéria de pesquisa: 1) discursos em busca de certezas científicas, 2) interrogações sobre o próprio sentido da pesquisa e 3) discursos e interpretação. O discurso histórico foi alocado na primeira parte e representado pela análise de um artigo emblemático de Lucien Febvre — "Vers une autre histoire"¹⁵, de 1949 — analisado por Jean-Claude Giroud¹⁶.

Não importa tanto aqui a análise semiótica, e sim o tipo de visão a respeito do fazer histórico (conforme sistematizado por Giroud) que historiadores já sabem ser aquele preconizado pela primeira geração da École des Annales. Febvre identifica (em 1949) um desdém pela história, e isso seria em parte culpa dos historiadores "ruins", sem competência de organização e interpretação dos fatos. O

¹² GREIMAS, Algirdas Julien. *Semiótica e ciências sociais*. Tradução Álvaro Lorencini e Sandra Nitri. São Paulo: Cultrix, 1981.

¹³ GREIMAS, Algirdas Julien; LANDOWSKI, Eric (Org.). *Análise do discurso em ciências sociais*. Tradução e prefácio Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: Global, 1986.

¹⁴ *Ibid.*, p. 12-13.

¹⁵ FEBVRE, Lucien. Vers une autre histoire. *Revue de Métaphysique et de Morale*, ano 5, n. 3-4, p. 225-247, Juillet-October 1949. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40899439>. Acesso em: 22 maio 2021. Nesse texto, Febvre trata do livro póstumo de Marc Bloch, *Apologie pour l'histoire ou métier d'historien*, publicado em 1949, e menciona Fernand Braudel (e seu *O mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II*, também de 1949) como exemplo da nova atitude do historiador requerida pela função social da história.

¹⁶ GIROUD, Jean-Claude. Apologia do historiador. In: GREIMAS, Algirdas Julien; LANDOWSKI, Eric (Org.). *Análise do discurso em ciências sociais*. Tradução e prefácio Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: Global, 1986, p. 144-155.

programa do discurso histórico que superaria o desdém social, conforme proposto por Febvre, dependeria de um saber sobre o objeto histórico (identificar o que é um fato histórico e constituí-lo em realidade) e de um saber sobre o fazer histórico (organizar o caos dos acontecimentos em função de sua importância presumida, propor questões que tratem dos mecanismos subjacentes que engendram os acontecimentos), ambos, por sua vez, culminando em um saber do sujeito investigador sobre si, sobre a própria objetividade. Temos, então, a "busca da certeza científica" (título da seção do livro em que essa análise foi alocada) que caracterizaria a atitude do historiador.

Na outra obra semiótica que analisa a história e outros discursos das ciências sociais, Greimas busca identificar os modelos mais gerais que guiam as duas concepções de história que estavam (estariam ainda?) em disputa: uma história de dimensão fundamental, na qual se situam as estruturas históricas profundas, e uma história de dimensão superficial, onde ocorre a infinidade de acontecimentos¹⁷ — o "caos dos acontecimentos", a "massa confusa e indistinta das noções e dos fatos", segundo a visão de Febvre¹⁸.

Greimas entende que, apesar da impossibilidade de descrição exaustiva e de sistematização dessa "multiplicidade de microfatos" que constroem o parecer da história, não se pode negar que é a partir desse conjunto que se selecionam os acontecimentos considerados significativos e, portanto, dignos de serem chamados históricos, e que, "[...] encadeados uns aos outros, constituem séries factuais integráveis no discurso histórico"¹⁹. Ele propõe então uma dimensão intermediária, chamada de factual, que não deixaria de fazer perguntas a respeito das estruturas profundas da história, mas que buscaria "[...] constituir processos de reconhecimento dos acontecimentos históricos no nível e a partir da manifestação de inumeráveis fatos cotidianos"²⁰.

Parece importante notar que, ao propor uma história factual e mostrar a relevância dos fatos cotidianos para o reconhecimento dos acontecimentos e de seus mecanismos subjacentes, Greimas entende que a história também se pesquisa (a partir de) e se relata com elementos mais figurativos de superfície — que o diga a micro-história e seu estudo de casos particulares como acesso às regularidades²¹. Interessante ainda que o semiótico reconheça, no momento em que escreve, os indícios de renovação da história factual, "[...] durante muito tempo epistemologicamente

¹⁷ GREIMAS, A. J., *op. cit.*, 1981, p. 147.

¹⁸ Citado por GIROUD, J.-C., *op. cit.*, 1986, p. 150.

¹⁹ GREIMAS, A. J., *op. cit.*, 1981, p. 147.

²⁰ *Ibid.*, p. 151.

²¹ DOSSE, François. *El giro reflexivo de la historia: recorridos epistemológicos y la atención a las singularidades*. Traducción Manuela Valdivia. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Finis Terrae, 2012, p. 283.

desvalorizada"²², renovação que, uma década mais tarde, Dosse²³ observará especificamente em relação à biografia.

O que essas breves resenhas mostram, e daí o motivo de estarem aqui, é a reiteração de um modelo geral a respeito do fazer e do discurso histórico que coloca a disciplina — retomando a metáfora de Dosse — entre dois escolhos, representados por certas dicotomias temáticas: certeza e dúvida, estrutura e acontecimento, fundamento e superfície, ordem e caos, objetividade e subjetividade, generalidades e particularidades, abstração e figuratividade. Uma história factual seria a rota entre os escolhos pela qual também a biografia, nos moldes do que se começa a verificar a partir de meados dos anos 1980, estaria trilhando.

Vejam, então, que outras dicotomias são convocadas por Dosse para erigir os seus arrecifes.

BIOGRAFIA, NAVEGAÇÃO DE RISCO

Dosse publica *O desafio biográfico* em 2005. A segunda edição, de 2011, difere da primeira por um prefácio em que o autor constata, nesses seis anos de diferença, não apenas a permanência como a ampliação do fenômeno da explosão biográfica. O prefácio enriquece o estado da arte apresentado no primeiro capítulo com a menção a iniciativas editoriais e eventos que mostram, na esteira dos editores generalistas, uma maior aproximação dos historiadores com o gênero. Apesar disso, persistiria ainda o desafio de "[...] evitar a vivência desse retorno do biográfico como uma preguiçosa retomada dos hábitos ancestrais e de velhas receitas fora de hora e lugar"²⁴.

O que na edição brasileira aparece como "desafio", a exemplo do que se vê no título do livro, não colhe totalmente o sentido de risco que se depreende do termo correspondente na edição em francês, *Le pari biographique*, que diz respeito a "aposta". Apostar na biografia seria um risco que o campo da história e das humanidades — risco que não se apresenta para a literatura ou para as iniciativas editoriais generalistas — parece estar aceitando correr nos últimos anos.

A ideia de risco é alegorizada de muitos modos no decorrer das seções introdutórias e no primeiro capítulo da obra de Dosse. Para evitar a tal retomada preguiçosa de hábitos e receitas fora de hora e de lugar, é preciso, por exemplo, equilíbrio: "[...] vocações sempre renovadas nascem para empreender o impossível e *equilibrar-se, de salto alto, à beira do abismo*"²⁵. Quem sabe de antemão

²² *Ibid.*, p. 151.

²³ DOSSE, F., *op. cit.*, 2015.

²⁴ *Ibid.*, p. 7.

²⁵ *Ibid.*, p. 10, grifos nossos.

que estará à beira de um precipício provavelmente não escolheria saltos altos para usar; ou, se usasse salto, não se aproximaria da borda. Optar pela biografia, portanto, é não poder escapar dessas duas condições e saber lidar com elas, encontrar o equilíbrio. É escolher se colocar em uma situação de risco que, se mal gerida, resulta em "más" biografias: uma biografia "branca", uma aproximação obscena à vida do biografado, um relato "descredenciado" ou não inteligível, o dolo à ética, uma atitude de importunação²⁶.

Cada um desses riscos diz respeito a adotar uma posição aquém ou além do equilíbrio: a descida do salto ou a queda no abismo. Mais adiante, a alegoria do risco será a de se aproximar demasiadamente de um dos escolhos que margeiam a rota²⁷ — as biografias que o fazem não podem ser definidas como tal²⁸. De vertical o equilíbrio passa a ser horizontal, o risco de cair passa a ser o de bater. Da montanha²⁹ desce-se ao mar, da metáfora da escalada passa-se à da navegação. Permanece, no entanto, o fato de existirem duas situações, dois polos, dois extremos, "dois elementos mutuamente excludentes"³⁰ dentre os quais a biografia e o biógrafo devem se conduzir para que não abandonem o hibridismo que constitui o gênero e para que colham dele todos os benefícios de que é capaz de aportar à história e às ciências humanas.

Passemos então às dicotomias apresentadas por Dosse para falar desses riscos e às operações para sua sistematização.

OS ESCOLHOS QUE MARGEIAM A ROTA: MÉTODO PARA IDENTIFICAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO

Como já foi explicado, é do primeiro capítulo de *O desafio biográfico* que se coleta o *corpus* de dicotomias analisadas com vistas à proposição de um par modelar de "escolhos" que represente os limites da rota da boa biografia.

²⁶ *Ibid.*, p. 7-9.

²⁷ Por exemplo, a biografia de Winston Churchill de François Bédarida é valorada positivamente porque procura "[...] evitar o escolho da teleologia e colocar, com justeza, o problema do lugar dos indivíduos no processo histórico como um todo". *Ibid.*, p. 106.

²⁸ No contexto dessa referência, os escolhos corresponderiam a dois extremos do espectro biográfico: a biografia "romanceada", que simula a vida, mas não respeita os documentos, e a biografia recheada de fatos, que respeita os documentos mas não consegue, a partir deles, simular uma vida (haverá outros escolhos no decorrer do capítulo, fruto de outras dicotomias). Segundo essa concepção, que é de Paul Murray Kendall, só se pode considerar como verdadeira biografia o "artesanato impossível" que se estende entre esses dois extremos. KENDALL, Paul Murray. *The Art of Biography*. London: George Allen and Unwin LTD, 1965, p. 15, citado por DOSSE, *op. cit.*, 2015, p. 60.

²⁹ Mais adiante, o campo semântico da montanha retorna para alegorizar a dificuldade de equilíbrio: "Em verdade o biógrafo, diante de uma personagem tão esquiva [o Orlando de Virginia Woolf], vê romper-se sob seus pés a rocha sobre a qual se cria firmemente apoiado". *Ibid.*, p. 64.

³⁰ *Ibid.*, p. 63.

Esse capítulo apresenta uma historicização de biografias publicadas na França, com destaque para a segunda metade do século XX e o início do XXI. As inúmeras obras mencionadas constituem exemplos das diversas abordagens de escrita biográfica discutidas pelo autor, e cada abordagem constitui uma subseção desse capítulo: a veracidade ficcional da biografia ("A biografia é um verdadeiro romance"), a biografia como substrato da crítica literária ("A 'vidobra'"), as motivações e justificativas dos biógrafos ("A implicação do biógrafo" e "Da desconfiança dos historiadores com relação à quebra de um tabu") e, por fim, a interface com o jornalismo ("Entre jornalismo e história: o 'caso' Lacouture"). Em quase todas as abordagens³¹ o autor menciona iniciativas que manifestam os hábitos e receitas fora de lugar e, depois, mostra as propostas que considera positivas, renovadoras do gênero. Essas são, normalmente, as que souberam retomar o que há de produtivo dos modos tradicionais da biografia e equilibrá-lo com outros tratamentos mais inovadores.

Cada uma dessas abordagens já supõe uma dicotomia de fundo, respectivamente: real e ficção, vida e obra, autor e narrador, arquivo e testemunho. As "boas" biografias, portanto, retomam o elemento da tradição (que seria "fora de lugar" se adotado de modo absoluto ou descuidado) e o misturam ao elemento oposto da dicotomia de forma inovadora, válida, bem embasada, de maneira a se conquistar o equilíbrio e a se exercitar as "boas práticas" do hibridismo biográfico.

Mas, além dessas dicotomias intuídas nos títulos das subseções, existe uma boa quantidade e variedade de outras mencionadas explicitamente³². São os escolhos que balizam a tarefa do biógrafo, dos quais ele não pode escapar³³ e dos quais ele deve manter-se equilibradamente afastado, no espaço instável e impossível do "entre". Ao identificar e tratar semioticamente essas dicotomias, pode-se sistematizar um modelo mais geral do hibridismo eufórico da biografia, ou seja, da maneira considerada boa, adequada, válida (com base no sistema de valores propostos por Dosse) de articular os elementos opostos que a constituem.

Para os propósitos deste trabalho, as dicotomias elencadas são aquelas que, além de 1) se referirem à biografia, ao biógrafo ou ao fazer biográfico³⁴ e de serem 2) sancionadas positivamente no sistema de valores de Dosse, constituem articulações de termos ou expressões que 3) manifestam

³¹ Exceção para a interface com o jornalismo, abordagem que apresenta apenas um autor cujas obras são valoradas positivamente.

³² Algumas das dicotomias são elaborações do próprio Dosse, outras são oriundas de citações, diretas e indiretas, que ele faz de outras obras e autores. Como o interesse aqui são as dicotomias constituídas em objeto semiótico, os autores das citações não são referenciados, mas podem ser identificados pela consulta à página de onde as dicotomias foram reproduzidas. A página de cada dicotomia é informada no quadro que as reúne, integrado a este artigo como apêndice.

³³ "O gênero biográfico está, com efeito, *condenado* a percorrer um mar revolto, apanhado entre dois escolhos [...]". *Ibid.*, p. 60, grifos nossos.

³⁴ Exclui-se desse grupo as dicotomias que não se referem a nenhum desses elementos. Por exemplo: "[...] a própria vida é um entretecido constante de memória e olvido". *Ibid.*, p. 55. Observa-se a dicotomia memória x olvido, o uso da conjunção "e" e a caracterização "entretido constante"; no entanto, a dicotomia se refere a "vida".

temas (abstratos) ou figuras (concretas) opostos dentro de uma mesma categoria, articulação que se realiza gramaticalmente pelo 4) uso de conectivos de coordenação que indicam a soma dos termos (conjunções e locuções conjuntivas "e", "mas também", "ao mesmo tempo"), e que 5) recebe uma caracterização do tipo de relação de hibridismo que se dá entre os termos (tensão, mescla, concomitância, amálgama, harmonia, osmose, junção, emaranhado).

Como exemplo, operemos essa classificação no já citado primeiro parágrafo do capítulo em questão, no qual as dicotomias são o próprio modo de Dosse definir o gênero: "Gênero híbrido, a biografia se situa em tensão constante entre a *vontade de reproduzir um vivido real passado*, segundo as regras da mimesis, e o *polo imaginativo do biógrafo*, [...]. Essa tensão não é, decerto, exclusiva da biografia, [...] mas é guindada ao paroxismo no gênero biográfico, que depende ao mesmo tempo da *dimensão histórica* e da *dimensão ficcional*"³⁵.

Os trechos destacados constituem as duas dicotomias que aparecem nesse trecho: "reprodução do real x imaginação do biógrafo" e "dimensão histórica x dimensão ficcional" (da biografia). Ambas colocam em oposição duas abstrações e são realizadas gramaticalmente pela conjunção "e". A relação entre os termos da primeira dicotomia é caracterizada como tensão, e entre os termos da segunda como concomitância ("ao mesmo tempo"). Pelos procedimentos de "homogeneização semântica" que serão operados para reduzir as ocorrências a categorias significativas mais gerais, as duas dicotomias serão transformadas, respectivamente, em realidade e ficção e história e ficção.

A partir da operação desses mesmos critérios ao texto-objeto, foram encontradas 73 dicotomias, sendo duas no parágrafo introdutório do capítulo, 39 na subseção "A biografia é um verdadeiro romance", quinze em "A 'vidobra'", quatro em "A implicação dos biógrafos", cinco em "Da desconfiança dos historiadores" e oito em "Entre jornalismo e história".

APRENDIZADOS PRÉVIOS

A maior parte das dicotomias concentra-se nas duas subseções que tratam da relação entre biografia e literatura; a quantidade na subseção que trata da interface entre biografia e jornalismo também é proporcionalmente significativa, mas sem muita variação, concentrando-se principalmente na relação jornalismo e história. As duas subseções com menos dicotomias são justamente aquelas

³⁵ *Ibid.*, p. 55, grifos nossos.

em que se fala mais da postura do historiador profissional, ou erudito, frente ao gênero. Ambas dão destaque às justificativas oferecidas por políticos e historiadores para suas empreitadas biográficas.

O que legitima as biografias desses dois últimos atores — as que são consideradas "boas", obviamente — é a explicitação das suas motivações. Os escolhos dos quais precisam manter distância têm a ver com militância e história, direita e esquerda, ciência e política no caso dos autores políticos; no caso dos historiadores, as dicotomias dizem respeito a reabilitação e objetividade, crítica e apologia, pujança e sutileza, e uma postura diante da morte do biografado — "embalsamador" e "coveiro". O par de escolhos vida x ficção, predominante no capítulo, aparece apenas uma vez na subseção que trata especificamente dos historiadores. É como se, nas biografias mencionadas nessa parte — e já legitimadas pelo campo —, o excesso de imaginação ou o excesso de objetividade não fossem mais um problema, ensejando então outros desafios.

Feitas as considerações sobre esses aspectos mais particulares, tratemos então das oposições recorrentes. Para colher os sentidos mais gerais da grande variação de palavras e expressões usadas pelo autor, os termos foram, como já explicado "homogeneizados semanticamente", ou seja, agrupados em categorias maiores a partir da operação de dois critérios de associação, um mais motivado e outro mais arbitrário. Para nomear essas categorias maiores escolheu-se sempre termos que apresentam grande recorrência no *corpus*. Por exemplo: "fato" é um desses termos recorrentes, e por isso dá nome a uma categoria. Nela foram incluídas ocorrências como "parte factual" (critério motivado) e "sucessão de eventos" (critério arbitrário). O resultado desse procedimento é apresentado no apêndice deste artigo (quadro 1). O quadro lista as dicotomias, as páginas em que foram localizadas e as categorias em que seus termos foram alocados.

Feita essa distribuição, as dicotomias foram organizadas pelo número de ocorrências dos termos que aparecem na posição anterior da dicotomia (primeiro termo), e depois pelo número de ocorrências dos termos que aparecem na posição posterior da dicotomia (segundo termo). Isso pareceu necessário porque um mesmo termo aparece às vezes na posição anterior, às vezes na posterior. Por exemplo: o texto apresenta tanto a oposição fato x ficção quanto ficção x fato.

As relações mais recorrentes resultantes dessa operação estão no quadro 2.

QUADRO 2 — TERMOS DAS DICOTOMIAS MAIS RECORRENTES E SUAS RELAÇÕES DE OPOSIÇÃO

Termo 1	Quant.	Opõe-se a (termo 2)	Quant.	Termo 2	Quant.	Opõe-se a (termo 1)	Quant.		
Ficção	8	fato	4	ficção	16	Fato	4		
		documento	2			Ciência	3		
		erudição	1			História	3		
		realidade	1			Realidade	2		
Vida	8	obra	6			história	10	Ensaio	1
		ficção	1					Mimesis	1
		romance	1					Verdade	1
ciência	6	ficção	3			fato	6	Vida	1
		arte	2	Jornalismo	6				
		política	1	Romance	3				
fato	6	ficção	4	obra	6	Psicologia	1		
		pessoa	1			Ficção	4		
		psicologia	1			Relato	1		
jornalismo	6	história	6	arte	3	Romance	1		
história	5	ficção	3	obra	6	Vida	6		
		romance	1	arte	3	Ciência	2		
		militância	1			Verdade	1		
romance	5	história	3	romance	3	Biografia	1		
		ensaio	1			História	1		
		fato	1			Vida	1		

FONTE: a autora com base em Dosse, *op. cit.*, 2015.

Vejam os caso de "ficção": somando as presenças desse termo como primeira e como segunda posição em dicotomias, chega-se ao número de 24 ocorrências, 1/3 do total de dicotomias, indicando, com isso, um dos principais escolhos que margeiam a rota da biografia. A distribuição apresentada nesse quadro permite, portanto, observar os termos mais recorrentes em dicotomias, mas não só: vê-se, também, que as dicotomias não são uniformes.

"Ficção" aparece oito vezes em pares nos quais reveste a primeira posição; em metade dessas vezes, a oposição se dá com "fato". Na segunda posição de dicotomias, "ficção" aparece dezesseis vezes; nessa situação, a maior parte das oposições é com "fato", "ciência" e "história". Considerando que "fato" é o termo que mais vezes aparece oposto a "ficção", talvez pudéssemos estabelecer "ficção x fato" como uma dicotomia modelar. Nesse caso, todos os demais termos que ocupam a mesma posição que "fato" — ou seja, a posição de oposição — precisariam ser contemplados por esse termo. Documento, erudição, realidade, ciência, história, ensaio, mimesis, vida, verdade, tudo isso é "fato"? E todos os vocábulos que ocupam o mesmo lugar de "ficção" nas dicotomias formadas com "fato", poderiam ser representadas por esse termo? Pessoa, psicologia, relato, romance, tudo se encaixa em "ficção"?

Com base na coerência interna do texto, a resposta seria eventualmente "sim". Também não haveria grandes problemas em atribuir sentido de "fato" a outros termos que, nas dicotomias do quadro 2, são opostos a "ficção". "História", por exemplo, pode ser entendida como pertencente à esfera do factual em oposição à do ficcional. Porém, se adotamos essa axiologia, o que acontece com a dicotomia história e jornalismo? Se "história" é factual, "jornalismo" seria ficcional? Dificilmente. A distribuição das dicotomias predominantes no quadro 2 é uma etapa necessária para se chegar à proposição do modelo mais geral do hibridismo da biografia, modelo que deve, então levar em conta a diversidade e a assimetria das dicotomias, reveladas pelo quadro.

ESCOLHOS EXEMPLARES: O MODELO AXIOLÓGICO

O desafio na proposição desse modelo é lidar com dicotomias regidas por categorias distintas, categorias que, por vezes, misturam-se dentro de um mesmo par. O modelo precisa acolher, se não todas, ao menos a maioria das dicotomias que aparecem no capítulo, e deve ser geral o suficiente para dar conta de disciplinas, gêneros discursivos e textuais, atitudes frente ao mundo, profissões e metáforas de vários tipos. Nesse sentido, as dicotomias presentes no texto, mesmo as mais recorrentes, como fato e ficção ou ciência e arte, não atingem tal nível de generalidade.

Uma pista para a proposição do modelo pode estar em abordagens que investigam os sentidos mais gerais do discurso científico da história, como as elaboradas por Greimas³⁶. Antes de tratar da já apresentada oposição entre as dimensões fundamentais e factuais dentre as quais se baliza a disciplina, o semiótico faz uma comparação entre história e literatura enquanto ciências. Se à

³⁶ GREIMAS, *op. cit.*, 1981.

literatura pode bastar a construção de modelos a partir das regularidades observadas nos discursos literários, "[...] a ciência da história não pode contentar-se com essa explicação que, no melhor dos casos, resultaria apenas na constituição de uma tipologia historiográfica, isto é, modelos que dão conta das 'histórias' que nos contam os historiadores e não da produção da história"³⁷.

Nota-se aqui uma oposição entre a ciência da história e o produto dessa ciência, que se manifesta por meio de um relato. Nenhum desses dois tipos de história (ciência e relato) parece ser, sozinho, suficiente para definir a produção disciplinar da história, mas é a conjunção de ambos que pode caracterizar a disciplina. Seria, então, uma conjunção entre história (a ciência, seus procedimentos, sua epistemologia, foco no conteúdo) e estória (a narrativa, o enredo, foco na forma). Essa pode ser uma dicotomia produtiva, de funcionamento geral, para dar conta de todas as outras presentes no capítulo de Dosse. Um bom argumento para isso é que o próprio Dosse observa que línguas como o inglês, por exemplo, têm, "[...] um termo designando a trama dos acontecimentos [*history*] propriamente dita e um outro significando o relato complexo [*story*] que a narra"³⁸.

Como lidar, no entanto, com o fato de que a história apresenta o mesmo hibridismo que caracteriza a biografia, ainda que de modo menos exacerbado? Se isso for certo, a história não pode estar em um dos polos da dicotomia, mas deve ser produto da articulação dos dois polos, assim como a biografia. Para resolver isso, propõe-se então que o termo, na dicotomia, apresente-se como História ("a produção da história", a "trama dos acontecimentos"), com inicial maiúscula. Já a história, com inicial minúscula, seria a disciplina que é produto da articulação (assim como o é a biografia) entre História e estória, ou seja, entre a ciência e seu relato, pois a ciência, para realizar sua vocação de disciplina, precisa ser relatada, comunicada, manifestada. É um acoplamento que, de resto, ilustra-se pelo nome da disciplina na língua francesa, em que não há a distinção entre ciência e relato como em outras. Para Dosse, isso traduz "[...] uma realidade que nos mergulha naquilo que singulariza a disciplina histórica como conhecimento indireto, como saber que só chega até nós por vestígios, tentando preencher uma ausência"³⁹.

Definida e justificada essa proposta de modelo, falta saber se é operável no *corpus*. Para isso, contemos com mais um quadro, no qual são distribuídos os termos das dicotomias⁴⁰ não mais pela oposição que ocupam nos pares, mas por sua afinidade com o polo da História ou com o da estória.

³⁷ *Ibid.*, p. 146.

³⁸ DOSSE, François. *A história*. Tradução Maria Elena Ortiz Assumpção. Bauru: Edusc, 2003, p. 7.

³⁹ *Ibid.*, 7.

⁴⁰ Note-se que o quadro apresenta 34 dicotomias, menos da metade das dicotomias elencadas inicialmente. Isso se deve a dois fatores: 1) muitas dicotomias se repetem, portanto, apenas um exemplar de cada foi incluído no quadro; 2) algumas dicotomias escapam à sistematização, e essas exceções estão justificadas adiante.

QUADRO 3 — CATEGORIZAÇÃO DAS DICOTOMIAS DOSSEANAS DO HIBRIDISMO BIOGRÁFICO NA AXIOLOGIA HISTÓRIA E ESTÓRIA

História	estória	História	estória	História	estória
autor	narrador	ensaio	romance	história	psicologia
autor	personagem	erudição	ficção	história	romance
biografia	romance	erudição	literatura	mimesis	ficção
ciência	Arte	escrita	oralidade	realidade	ficção
ciência	Ficção	exterioridade	onisciência	referente	relato
ciência	literatura	fato	ficção	unidade	pluralidade
ciência	Política	fato	psicologia	verdade	arte
construção	liberdade	fato	relato	verdade	ficção
conteúdo	Forma	fato	romance	vida	obra
crítica	Apologia	história	ficção	vida	romance
documento	ficção	história	jornalismo		
ensaio	ficção	história	militância		

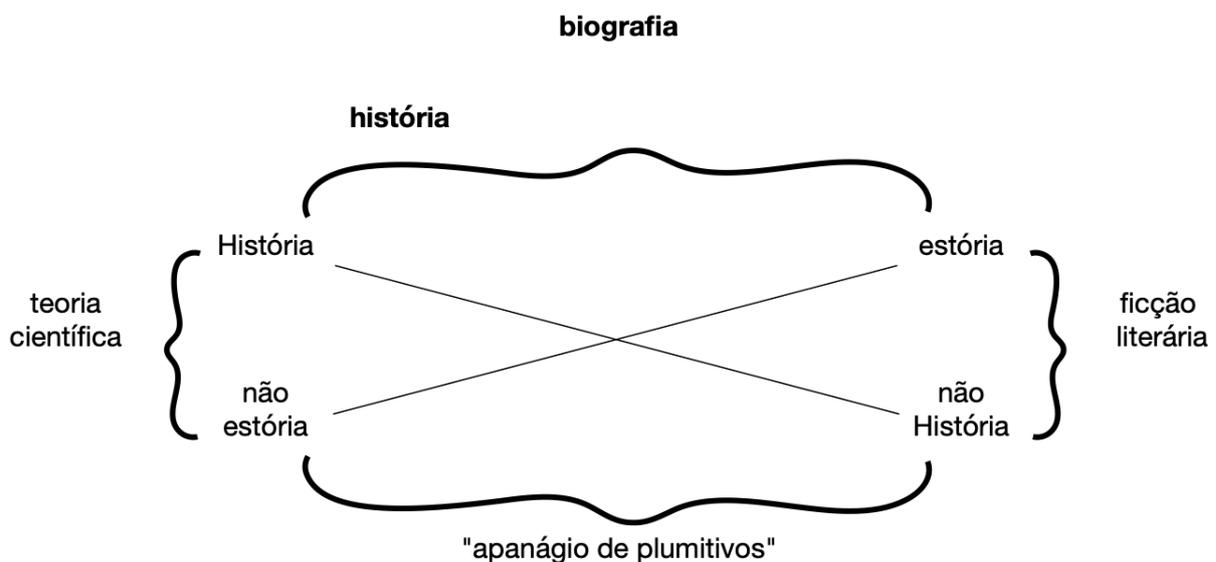
FONTE: a autora com base em Dosse, *op. cit.*, 2015.

O raciocínio exposto até aqui permite compreender a lógica de distribuição das dicotomias entre os dois polos semânticos do modelo geral sem muitas explicações adicionais — ainda que se possa discordar dessa distribuição. Talvez valha um esclarecimento a respeito das dicotomias baseadas em disciplinas e em áreas do conhecimento, nas quais "ciência" ou "história", alocadas em História, opõem-se a "jornalismo", "psicologia", "política", ou até mesmo a "literatura", alocadas em estória. Isso não quer dizer, de forma algum, que a essas disciplinas falte cientificidade ou tradição epistemológica, mas sim que, quando consideradas na exploração dos exemplos de biografia, o que delas se destacou foi preferencialmente seus interesses e a tipologia discursiva de seus relatos. Uma biografia interessada nos sentimentos ou nas comoções interiores do biografado poderá ser classificada de "psicológica", ainda que seu autor não seja psicólogo e que não use a teoria dessa disciplina para conduzir sua pesquisa. O aspecto "psicológico" estará na abordagem que o biógrafo fará de seu objeto e no modo de construir o enredo e o relato. Vale o mesmo para o jornalismo, para a literatura, para a política.

A respeito da distribuição apresentada no quadro 3, também é importante falar das dicotomias que não se encaixaram no modelo: 1) por representarem metáforas muito particulares, dependentes do contexto em que foram enunciadas (escrevente e escritor, embalsamador e coveiro, direita e esquerda, desenho e pintura, pujante e sutil); 2) por articularem elementos sem efeito de oposição semântica (ambição e aporia, literatura e subjetividade); e, por fim, 3) por dizerem respeito a discussões do âmbito da história. Deste último grupo são: fato e pessoa, que opõe duas visões a respeito do que é ou não significativo para a disciplina; totalizante e microscópico, oposição que se homologa àquela entre história fundamental e história factual, ou macro e micro-história; e reabilitação e objetividade, que tem a ver com as motivações do historiador para a escrita de uma biografia.

Para encerrar a sistematização, pode-se visualizar graficamente (figura 1) como seria a distribuição da história e da biografia entre os dois escolhos modelares que delimitam suas rotas. Lembrando sempre da concepção de Dosse — de que ambas compartilham a tensão, mas que esta, na biografia, é levada ao paroxismo —, a biografia situa-se ao meio do caminho entre a História (a ciência) e a estória (a colocação em enredo). A história também depende do enredo, por isso está colocada nessa articulação, mas sua deferência maior ainda é com a ciência, e então é justo que lhe esteja mais próxima.

FIGURA 1 — REPRESENTAÇÃO VISUAL DA ARTICULAÇÃO ENTRE HISTÓRIA E ESTÓRIA E OS



GÊNEROS DISCURSIVOS DERIVADOS DA SOBREDETERMINAÇÃO DOS TERMOS
 FONTE: elaborada pela autora (2021).

A representação visual também enseja a sobredeterminação das outras articulações que se produzem pela negação dos termos principais. Da articulação entre estória e não História, ou seja, da preocupação maior com o enredo e do não compromisso com uma verdade externa, resulta a ficção literária. Por outro lado, da articulação entre História e do não compromisso com uma organização narrativa pode resultar a teoria científica. Mais complicado é discernir um resultado da articulação das duas negações, não História e não estória. Tal produto, não tendo compromisso nem com algum tipo de verdade, e nem com alguma preocupação estética, seria provavelmente um texto renegado tanto por seu conteúdo quanto por sua forma. Talvez se possa encaixar aqui o modo "ruim" de se fazer biografias — inverídicas e mal escritas —, valoração da qual deriva a expressão "apanágio de plunitivos", usada para denominar muitas delas.

Por fim: se se aceitam como válidos os procedimentos descritos e operados até aqui, bem como o modelo deles resultante, que consolida em História e estória todos os diversos "escolhos" apresentados por Dosse, que serventia terá esse modelo? Antes de tudo, a possibilidade de definir a biografia no contexto da história e de caracterizar objetivamente em que consiste o seu hibridismo, quando isso for necessário. O modo como a questão é apresentada pelo historiador francês tem o mérito de mostrar diversas facetas desse hibridismo e as justificativas de sua legitimação pela história, mas a ausência de uma sistematização dificulta a proposição de uma uniformização teórico-conceitual, algo sempre importante quando se busca "ocupar territórios". Em segundo lugar, o modelo axiológico pode ser operado para "classificar" biografias com menos risco de se perder em categorias espinhosas como realidade e imaginação, fato⁴¹ e ficção. No entanto, como todo modelo, requer que seja colocado à prova.

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi a proposição de um modelo de classificação de biografias que pudesse acolher as diversas manifestações de seu hibridismo, conforme enunciadas por François Dosse em *O desafio biográfico*. A proposição parece ir na contramão das concepções do autor, para quem o "[...] o caráter próprio da biografia consiste em depender de uma indistinção epistemológica"⁴². O modelo não apenas busca estabelecer traços distintivos como, ao adotar os

⁴¹ "[...] o fato histórico, justamente porque é um fato, pode ser definido como a denotação da realidade, mas na verdade as coisas estão longe de ser tão simples. [...] De fato, só se pode escrever a história utilizando a mediação linguística, colocando os textos históricos — seu verdadeiro referente — em lugar das seqüências factuais 'reais', reconstituídas em seguida como uma projeção referencial". GREIMAS, *op. cit.*, 1981, p. 152.

⁴² DOSSE, *op. cit.*, 2015, p. 60.

escolhos História e estória, explicita um lugar epistemológico para o gênero. Mas tanto as distinções como o lugar atribuídos não são imposições externas: derivam do discurso do próprio autor a respeito da biografia e do papel que ela ocupa nas discussões e nos fazeres da história.

Assim, a depender de como a biografia venha a participar de pesquisas históricas — como relato da pesquisa, como fonte a respeito do biografado ou como fonte a respeito da época e das condições de produção da biografia —, será preciso justificar sua validade e pertinência. Na medida em que um dos critérios para isso é a constatação da equidistância da trajetória da narrativa biográfica dos dois escolhos que delimitam a rota da "boa biografia", o modelo proporciona uma grade de leitura para a identificação dos escolhos em suas mais distintas manifestações, e uma bússola para verificar se o relato navega na direção "certa".

Talvez o modelo, ou ao menos o raciocínio que levou até ele, seja especialmente útil para estudos baseados nas biografias da idade heroica, para que se verifique em quais aspectos elas podem ter sido mais ou menos inovadoras em relação a outras do seu tempo, e o quinhão de História (em oposição a estória) que pode ser a elas atribuído. A produção biográfica boccacciana, por exemplo, mencionada como ponto de partida para as reflexões que foram apresentadas aqui, parece adotar procedimentos metodológicos que, na medida do possível para a época de sua produção, sugerem uma relevante preocupação com a cientificidade. É uma hipótese que ainda precisa ser verificada.

Encerra-se destacando que, se a tarefa proposta no artigo foi realizada com o aporte da semiótica discursiva, isso eventualmente possa ilustrar a realização do potencial que Dosse⁴³ enxerga na biografia, a de uma escrita estribada no entrelaçamento de disciplinas e, portanto, privilegiada nas situações e nas empreitadas que dependem da transversalidade.

AGRADECIMENTO

A autora agradece a Profa. Ma. Paoletta Santoro (Consolato Generale d'Italia a Curitiba/UFPR) pela revisão do resumo em italiano.

⁴³ *Ibid.*, p. 22.

APÊNDICE

QUADRO 1 — ELENCO DE DICOTOMIAS IDENTIFICADAS NO CAPÍTULO 1 DE *O DESAFIO BIOGRÁFICO*

Termo 1	T1 geral	Termo 2	T2 geral	Pág.	Subseção
vivido real passado	realidade	polo imaginativo do biógrafo	ficção	55	Parágrafo introdutório
dimensão histórica	história	dimensão ficcional	ficção	55	
Fabulação	ficção	experiência viva	realidade	55	A biografia é um verdadeiro romance
ambição que orienta	ambição	aporia que condena	aporia	55	
desejo de verdade	verdade	dimensão estética	arte	56	
procedimento científico	ciência	valor artístico	arte	56	
Arte	arte	verídico	verdade	59	
escrúpulos da ciência	ciência	encantos da arte	arte	60	
verdade sensível do romance	romance	mentiras eruditas da história	história	60	
Romanceada	romance	recheada de fatos	fato	60	
simular a vida	ficção	respeitar o material	documento	60	
psicológico	psicologia	histórico	história	60	
mimesis	mimesis	vida imaginária	ficção	60	
fatos atestados	fato	ficção pura	ficção	61	
ciência	ciência	ficção	ficção	62	
ficção	ficção	fatos	fato	62	
parte ficcional	ficção	parte factual	fato	62	
dimensão ficcional	ficção	dimensão factual	fato	63	
verdade da ficção	ficção	verdade dos fatos	fato	63	
imaginação	ficção	erudição factual	erudição	63	
real	realidade	imaginário	ficção	64	
fatos	fato	psicologia interior presumida	psicologia	64	
vida	vida	obra	obra	66	
factual	fato	ficcional	ficção	66	
desenhar	desenho	pintar	pintura	67	
onisciência	onisciência	exterioridade	exterioridade	67	
respeito absoluto	constricção	liberdade [uso do tempo]	liberdade	67	
sucessão dos eventos	fato	unidade da pessoa	pessoa	67	
história	história	romance [escrita]	romance	67	
unidade biográfica	unidade	pluralidade de recepção	pluralidade	67	
romanesca	romance	histórica [escrita]	história	68	
literatura	literatura	ciências humanas	ciência	68	
ciência	ciência	fantasia	ficção	68	
ficção	ficção	fragmentos tangíveis	documento	70	
matéria enunciada	conteúdo	maneira que enuncia	forma	70	
referente	referente	trama do relato	relato	70	
romancista	romance	historiador	história	71	
erudição	erudição	literatura	literatura	71	
história autêntica	história	ficção	ficção	78	
autenticidade	verdade	ficção	ficção	79	

biografia	biografia	romance	romance	80	
elementos factuais da vida	fato	parte ficcional da obra	ficção	80	A "vidobra"
menções	relato	relações efetivas	fato	90	
vida	vida	obra	obra	90	
autor	autor	personagem	personagem	91	
romance	romance	ensaio	ensaio	91	
vida	vida	obra	obra	92	
totalizante	totalizante	microscópico	microscópico	92	
ciência	ciência	ficção	ficção	92	
ensaio crítico	ensaio	obra de criação	ficção	92	
figura do escrevente	escrevente	figura do escritor	escritor	92	
vida	vida	obra	obra	92	
factualidade autenticada	fato	ficcionalização do sujeito	ficção	93	
vida	vida	obra	obra	93	
vida	vida	obra	obra	94	
percurso de vida	vida	criação romanesca	romance	95	
autor	autor	narrador	narrador	96	
direita	direita	esquerda	esquerda	99-100	
historiador	história	militante	militância	101	
disciplina científica	ciência	engajamento político	política	101	
pujante	pujante	sutil	sutil	106	Da desconfiância dos historiadores com relação à quebra de um tabu
relato de vida	vida	formação de imagens	ficção	112	
combater injustiças	reabilitação	distanciar-se das lendas	objetividade	112	
imagem pejorativa	crítica	apologia de uma hagiografia	apologia	113	
embalsamador	embalsamador	coveiro	coveiro	114	
jornalista	jornalismo	historiador	história	115	Entre jornalismo e história: o "caso" Lacouture
jornalismo	jornalismo	história	história	115	
regras específicas do jornalismo	jornalismo	respeito à verdade da historiografia	história	115	
jornalista	jornalismo	historiador	história	119	
testemunhos orais	oralidade	fontes escritas	escrita	119	
relação do jornalista com a instantaneidade	jornalismo	esforço de objetivação do historiador	história	119	
literária	literatura	subjetiva	subjetividade	122	
história	história	ficção	ficção	122	
jornalismo	jornalismo	história	história	122	

FONTE: a autora com base em Dosse, *op. cit.*, 2015. As colunas "T1 geral" e "T2 geral" listam a denominação dos termos após o processo de "homogeneização semântica".